

O RISO E SEU PAPEL NA SOCIEDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE UM “BAÚ DE MEMÓRIAS”

Odelta Simonetti¹

Sandra Monteiro Lemos²

[...] e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que importa não é a viagem mas o começo da [...] (Haroldo de Campos)

Não por acaso esta linda dança das palavras feita por Haroldo de Campos me antecede na escrita deste trabalho. Se trata do primeiro texto que falei (ou melhor, gravei) em minha história com o teatro, que este ano completa bodas de prata. Era outubro de 1998 e a pequena cidade de Garibaldi, na Serra Gaúcha, olhava desconfiada para aquele grupo de pessoas, vestidas de forma peculiar, andando pela maior feira da cidade, entoando cantos, mostrando personagens um tanto conhecidos e outros completamente *a vanguard*. Éramos adolescentes e a experiência do teatro se mostrava para nós como uma opção àquela vida pacata e um tanto rígida. O surgimento de um grupo de teatro de rua significou (consigo analisar isto somente hoje), para mim, um grande passo no avanço cultural daquela cidade. Olhos se abriram para possibilidades e o teatro se instaurou na cidade de forma definitiva.

Nos dias de hoje, não só o grupo ainda existe, como outros espaços culturais e grupos teatrais surgiram na cidade. Tive a oportunidade e o privilégio de fazer do teatro meu ofício e meu meio de vida, fonte de pesquisa, de inspiração e de renda. Em mais de duas décadas dedicadas à criação e à pesquisa, muitos atravessamentos me constituíram, em linguagens que iam da literatura ao cinema, passando pela moda e artes plásticas. Porém, nenhum deles me impactou tanto quanto o riso. Desde minhas mais remotas lembranças, o riso se impõe como algo que me possibilitava voar e me libertar de uma realidade dura. Quando aos doze anos me vi fazendo teatro na escola, numa disciplina chamada “Educação Moral e

¹ Graduada em Pedagogia (Uniassevi), especializanda em Curso *Lato Sensu* Educação e Cultura, da UERGS, Unidade Caxias do Sul, atua desde 1998 como atriz, palhaça, pesquisadora e produtora teatral.

² Doutora e mestre em Educação (UFRGS), Pedagoga (UFRGS), Professora Adjunta na UERGS, Orientadora do estudo.

Cívica”, resquício da ditadura miliar, na outrora sexta série, com um figurino improvisado que contava com roupas que pegara emprestadas de minha mãe e uma almofada que me deixava com um traseiro exagerado, eu realizei que podia provocar o riso no outro, e essa constatação virou meu mundo do avesso. Isso somado a algumas outras oportunidades que tive, como a de assistir peças de teatro na escola, por exemplo, me fizeram ter cada vez mais certeza do meu sonho: eu queria fazer as pessoas rirem!

Com meu ingresso, em 2021, no Curso *Lato Sensu* de Educação e Cultura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, fui instigada a refletir sobre a cultura, a identidade (HALL, 1997; NIETZSCHE, 2005; 2012) e os inúmeros atravessamentos que a todo o momento vão nos constituindo enquanto sujeitos, habitantes desse mundo social. Assim, para o trabalho de conclusão do curso, optei por um ensaio que tomasse como ponto de partida os atravessamentos mediados pela cultura na qual me encontro imersa. Ou seja, tal como nos ensina Larrosa (2002) aquilo que nos “atravessa” e nos transforma.

Diante disso, o meu intuito nessas linhas iniciais é lançar luzes sobre algumas das questões, instigadoras dessa reflexão, que está presente em minha trajetória de vida. Refiro-me ao riso e é ele que se transformou em temática de estudo para o ensaio ora apresentado.

Desde os primórdios do pensamento ocidental até os dias de hoje, o riso se faz presente em nosso meio. Ao aprofundar a temática, traço um paralelo com minhas vivências no teatro que me levaram a me relacionar de forma muito íntima com o humor e com o riso. Não pretendo, de forma alguma, trazer verdades ou certezas, mas sim buscar subsídios empíricos, teóricos, emocionais e físicos, que me constituíram como uma palhaça que atua criticamente nas questões do feminino através da comédia. Busco deter-me um pouco mais sobre o “objeto risível”, refletindo sobre o que nos faz rir? E quais seriam (e se haveria) os limites do riso na sociedade contemporânea? Considerando, obviamente, a sombra das mudanças que urgem no pensamento e na mentalidade atual. Pretendo destacar algumas tentativas de conceituar o riso, traçando uma relação com minhas vivências, aliando teoria e experiências pessoais.

Para tanto, busco amparo em autores como Verena Alberti (1999), Georges Minois (2003) e Alice Viveiros de Castro (2005), passando pelo pensamento de filósofos clássicos como Platão e Aristóteles. O estudo contará, igualmente, com a contribuição do repertório pessoal de livros, filmes, espetáculos e vivências que

marcaram minha vida. Por fim, cabe dizer, ainda, que o estudo pretende olhar para o riso na contemporaneidade, localizando-o como objeto, refletindo sobre sua função social, seus limites morais, éticos e estéticos.

E com a benção de Haroldo de Campos, também começo aqui minha jornada de descobertas e novas questões que oxalá me ajudarão a entender um pouco mais sobre o riso, sobre o modo como está presente na cultura, impregnando marcas, constituindo jeitos de ser. Através de acontecimentos reais de uma atriz, palhaça, comediante e pesquisadora, pretendo buscar subsídios que me auxiliem a entender “do que rimos” e como isso impacta a vida em sociedade.

PEQUENO RETRATO DO RISO NA HISTÓRIA HUMANA

Podemos encontrar registros sobre o riso em diversas obras de grandes nomes pensantes da história humana. Aristóteles teria abordado extensamente o tema no Livro I da sua obra *Poética*, livro este que foi perdido, o que acaba suscitando ainda mais curiosidade sobre este fenômeno tão complexo e puramente humano. Contudo, nas obras de Platão e Aristóteles, o riso nunca foi o objeto principal de estudo, sendo ele sempre um desdobramento de outros fenômenos.

No teatro, comédia e tragédia eram as duas faces de uma mesma moeda, mas enquanto a tragédia era vista como uma arte nobre e se ocupava de retratar os valores mais elevados, à comédia era reservado um lugar secundário, sendo portadora dos desejos baixos e inferiores, ressaltando as inadequações humanas e explorando o seu ridículo.

No mundo romano, o riso tomou um tom satírico e até mesmo maléfico, geralmente relacionado ao escárnio e à zombaria. Com o fortalecimento do cristianismo e o mito de que “Jesus nunca riu”, tanto filósofos, quanto teóricos condenavam o riso e os festejos passaram a ter um significado profano.

O riso sempre despertou a curiosidade de grandes filósofos e pensadores. Nos primórdios, ele não possuía um status de unanimidade, sendo que para alguns era visto numa variação de sagrado a profano. Para Bakhtin (2010, p. 96), por exemplo:

O riso carnavalesco abalava as estruturas do regime feudal, abolia as relações hierárquicas, igualava pessoas que provinham de condições sociais distintas. Era contrário a toda perpetuação, a toda idéia de acabamento e perfeição, mostrando a relatividade das verdades e autoridades no poder. Todos são passíveis de riso e

ninguém é excluído dele; era a percepção do aspecto jocoso e relativo do mundo.

O filósofo alemão Joachim Ritter (apud ALBERTI, op. cit., p. 12) defende o riso como o redentor dos pensamentos aprisionados dentro dos limites da razão. Menandro (342 a 292 a.C.) classificou o riso em um lugar parecido com o que o vemos hoje, ou seja, como um bálsamo e um alívio para as agruras da vida, permitindo ao público esquecer de suas desgraças por um momento. Heródoto (apud MINOIS, 2003, p. 46), ilustrou muito bem a necessidade de o homem relaxar, esquecendo-se, momentaneamente, das coisas sérias quando disse: “não sabeis que só se estica um arco quando há necessidade e que, depois que foi usado, precisa ser afrouxado? Se nós o mantivermos sempre tenso, ele arrebenta e não poderemos mais utilizá-lo quando for necessário.”

Também na área da filosofia, Georges Bataille (1970) encontra uma estreita relação entre o riso e a filosofia, defendendo que o riso é a experiência do “não saber”. Podemos lincar com o que Verena Alberti (1999, p.16) nos fala sobre Foucault, que estabelece relação entre o riso e a não linguagem. O riso de Foucault é provocado por um “não-lugar”: um espaço aonde o pensamento não chega e onde a linguagem não pode manter juntas as palavras e as coisas.

RISO E RISCO

Paremos um pouco por aqui. Ao refletir sobre as palavras acima, lembro de ver as faces estupefatas da população de minha pequena cidade natal, quando saímos à rua vestidos e pintados de forma espalhafatosa, entoando cânticos festivos e um gramelô³ entusiasmado. O clima era festivo, porém não só disso o povo ria. Na impossibilidade de compreender o que viam, o riso aflorava, como forma de resolver este impasse, entre a curiosidade e a incapacidade de explicar. Isso me faz ver um paralelo sobre como o riso pode atuar na sua prática. Minois (2003, p.96) tem uma fala que ilustra um possível espaço para o riso:

(...) o cômico irrompe pelas brechas da fachada séria das coisas; mais que brechas, buracos que se abrem na textura lógica ou sensível do ser. Por essas aberturas, percebe-se o outro lado, e o choque

³ Gramelô: Linguagem fictícia criada por atores para uma montagem teatral. Contém palavras e formas de falar originais, que podem ou não ter significado compreensível.

sacode-nos nervosamente: esse riso é o grito de surpresa de um homem a quem o caos e o nada acabam de assaltar.

Alguns estudos no campo das ciências humanas colocam o riso como um ato transgressivo, tanto da ordem social, quanto da linguagem normativa. Em *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*, Nietzsche (2005) analisa o que chama de “embotamento” do indivíduo e seus tensionamentos. Ele afirma que frente ao risco de embrutecimento do indivíduo, processos de deturpação da ordem normativa podem ser importantes como forma de escape. Ao contrário de levar à decadência, como poderíamos pensar em um primeiro momento, esta queda, digamos assim, pode-se traduzir em uma evolução e fortalecimento. Para o autor, a obediência cega às normas pré-estabelecidas, provocam um embrutecimento e a submissão do indivíduo, sendo que a ruptura destas teria um caráter não apenas contestador, mas sim, positivo, evolutivo e fortalecedor. Em suas palavras:

A história ensina que a estirpe que, num povo se conserva melhor, é aquela em que a maioria dos homens tem um vivo senso da comunidade, em consequência da identidade de seus princípios habituais e indiscutíveis, ou seja, devido a sua crença comum. Ali se reforçam os costumes bons e valorosos, ali se aprende a subordinação do indivíduo, e a firmeza de caráter é primeiro dada e depois cultivada. O perigo dessas comunidades fortes, baseadas em indivíduos semelhantes e cheios de caráter, é o embotamento intensificado aos poucos pela hereditariedade, que segue toda estabilidade como uma sombra. Em tais comunidades, é dos indivíduos mais independentes, mais inseguros e moralmente fracos que depende o progresso espiritual: são aqueles que experimentam o novo e sobretudo o diverso (NIETZSCHE, 2005, p. 142)

Ao olhar com um viés crítico, o riso questiona as práticas vigentes na sociedade. Em 2009 eu e mais duas amigas e parceiras de cena, montamos um espetáculo chamado “Cinta-liga/desliga”, que utilizava a linguagem da palhaçaria⁴ e mostrava um trio de palhaças em busca de um amor, este sempre estaria entre os homens da plateia e seria escolhido pelo trio. Nada era combinado e contando com o jogo com o público, toda noite escolhíamos entre os varões do público nosso pretendente. Logo que ele subia ao palco, era cercado por três palhaças, que não mediriam esforços para conquistar o seu amor e se deparava com cenas de paquera (ou até mesmo assédio), tão típico para o homem, mas agora com papéis invertidos, tendo estas três figuras como algozes românticas do escolhido. Eis que na estreia

⁴ Arte e ofício do(a) palhaço (a).

da peça, no SESC Bento Gonçalves, já quase no meio da função, chega o momento de irmos para a plateia e escolher nosso bem amado. O que não sabíamos ainda, e que aprendemos a duras custas é que não era muito saudável (digamos assim) escolher um menino que estivesse acompanhado de sua namorada, ainda mais se esta fosse ciumenta. Porém, naquele dia caímos nessa armadilha. O público contorcia-se de rir enquanto levávamos nosso amado para o palco e nos preparávamos para uma disputa entre as três, que definiria quem seria a vencedora e ficaria com o prêmio (o rapaz), numa subversão à ordem vigente, onde o homem era o objeto. Quando nos demos conta, uma furiosa namorada invadia o palco e tirava seu amado do meio daquelas três palhaças “depravadas” (sic). Ela não resistiu à proposta ousada, que provocou risos copiosos em toda a plateia, mas nela provocou uma reação de tamanho desespero, que ela se viu forçada a subir ao palco em meio a um auditório cheio e explicitar sua indignação. As palhaças quase ficaram sem ação, mas percebendo que se tratava de uma questão mais séria, decidiram não mexer mais com este pretendente e sair em busca de outro.

5



Figura 1 – Deninson Fagundes (acervo da autora/2023)

Refletindo hoje sobre tais acontecimentos, faço uma relação com este riso transgressivo, que abala a ordem social vigente e que testa os limites do aceitável. Devo complementar dizendo que em seis anos de temporadas e viagens intensas apresentando o espetáculo nos deparamos com diversas situações, que iam desde companheiras pedindo para pegarmos seus parceiros, até pretendentes que “se passavam” com as palhaças e eram substituídos. Mas nunca mais encontramos

⁵ Espetáculo Cinta-Liga/Desliga (2009, direção: Luciane Olendski)

uma namorada furiosa como aquela referida acima. O que provocou o riso em uma plateia com mais de duzentas pessoas, provocou a ira de uma. Observa-se aqui, possivelmente, o caráter transgressor do riso.

Fernando Moreno da Silva (2010), em seu artigo “As várias faces do riso” enumera os recursos para o riso, entre eles, a comicidade, humorismo, ironia, caricatura, paródia e sátira. Quanto ao humor, destaque na fala do autor:

O humor é profundo, reflexivo, mais complexo. É mistura do riso e da dor, do riso de rejeição e da acolhida. É o riso melancólico, e discreto, e complacente, o rir do outro e de si mesmo. Pode-se até dizer que, no campo do risível, o humor é o lado mais rico desse comportamento humano, uma vez que trabalha com a condição humana, uma reflexão que trata com amenidade os temas dolorosos e tristes. O humor deixa entrever, na relação com os outros, sua natureza benevolente e positiva, muito próxima ao riso bom. (MORENO DA SILVA, 2010, p.227)

Em meus primeiros anos de teatro, trabalhávamos com sátiras representadas através do teatro de rua, com forte influência das artes circenses. Nesta época me encantava os filmes de Charles Chaplin, como O Garoto (1921), Em Busca do Ouro (1925), Tempos Modernos(1936) e O Grande Ditador (1940). Chaplin é considerado por muitos, o maior palhaço do mundo. Vejo nele toda a teoria que vi nos livros sendo colocada em prática da forma mais singela, como se um simples gesto pudesse conter nele toda beleza do mundo.

6



Figura 2 – Fonte: Deninson Fagundes (Acervo da autora/2023)

A facilidade com que a figura icônica de Carlitos me arrebatava era e ainda é espantadora. Referências do seu trabalho podem ser vistas no meu, principalmente

⁶ Espetáculo Cinta-Liga/Desliga (2009, direção: Luciane Olandski)

em minha personagem/palhaça Rarley Davidson, figura que foi criada em 2016 e se mantém até hoje em construção e pesquisa, protagonizando o espetáculo de teatro de rua “Circo da Rarley”. Para a construção desta figura, lancei mão de algumas grandes paixões do início da minha vida adulta: Charles Chaplin e Rock n’ Roll. O resultado foi uma mistura da palhaçaria clássica com uma figura de visual e estética rock. No trabalho de Chaplin e conseqüentemente no meu, percebo a utilização do riso como derrota e acolhida, o riso melancólico, o tropeço e o seguir em frente, o riso que ri de sua própria desgraça. Aqui pode-se notar um caráter redentor do riso, de auto aceitação, de admitir o erro como humano e aceitá-lo como parte do todo e passível de graça. É deixar de nos levarmos tão a sério, de nos termos em tão alta conta, o que nos coloca em uma altura dolorida de se cair. Rarley Davidson funciona com todos os públicos e surpreendentemente, por ser uma figura rock n’ roll e diferente das palhaças fofas que costumamos evocar em nossa memória, funciona muito com crianças. Talvez por ela se colocar na mesma posição delas. A criança ainda está na fase da aprendizagem, isto é, cometendo erros e não entendendo a vida muito bem.

7



Figura 3 – Fonte: Antônio Valiente (Acervo da autora/2023)

⁷ Espetáculo Circo da Rarley (2016, direção Ana Fuchs)

A palhaça vive neste universo, o da inocência, da inadequação e da tolice. Sem pretender ser inteligente, a figura lida com sua ingenuidade e com o frescor de quem vê tudo com o encantamento da primeira vez. A identificação é natural e a relação flui entre as crianças e a palhaça.

Segundo Minois (2003, p. 602):

O riso pode relacionar-se, por exemplo, à identificação entre o espectador e a figura cômica que desperta o riso, em dinâmicas de aproximação e distância sobre as porções de inadequação que nos constituem; ou pode ser um riso de surpresa diante do inesperado, de temor quanto à insegurança operada pelo desvio, de alívio, de angústia.

RISO E DOR

Quem nunca ouviu a máxima: Rir é o melhor remédio? O riso tem se mostrado também uma ferramenta na área da saúde. Pesquisas envolvendo o riso no tratamento de doenças e na promoção do bem-estar de pacientes internados em hospitais vêm sendo produzidas no meio acadêmico e projetos de palhaços visitantes têm sido realizados em todo o mundo. Um dos maiores exemplos é o médico americano Hunter Patch Adams, que quando estudante de medicina nos anos 70, percebeu a importância do riso e do bom humor para a promoção da saúde. Sua história pode ser conferida no filme Patch Adams, o Amor é Contagioso (1998), que contava com o grande Robin Williams no papel principal. No Brasil vemos a disseminação de grupos de palhaços visitantes em hospitais por todo país, sendo que o primeiro grupo a implantar esta prática em solo nacional foram os Doutores da Alegria, de São Paulo (1991), uma organização não governamental que continua em atividade até hoje. Matraca (2011), em seu artigo *Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria* nos coloca as vantagens do riso no ambiente da saúde: “Ele é importante para a construção de vínculos com a população nos serviços de saúde, pois desarma, aproxima, quebra barreiras e estimula a capacidade de reflexão”.

O doutor em Farmacologia e Professor de Farmacologia e Anestesiologia da UFRN, Nilton Bezerra do Vale (Analgésia Adjuvante e Alternativa, 2006)⁸ argumenta sobre o impacto fisiológico do riso no organismo humano:

A prática do riso e da gargalhada melhora o humor, que reforça a imunidade, relaxa a tensão muscular e diminui o estresse, ansiedade e dor por liberação de neurotransmissores relacionados (serotonina e endorfinas) por envolvimento do sistema límbico. O riso tem efeito terapêutico facilitador do tratamento analgésico em ambiente hospitalar e deve ser promovido entre os internos, pois facilita a socialização, as novas amizades e o autoconhecimento. As modificações psiconeuroendócrinas da gargalhada melhoram o sistema imunológico, aumentam a fluxo sanguíneo cerebral e reduzem sintomas de depressão e ansiedade. O riso e a gargalhada também funcionam como exercício respiratório que favorece o miorelaxamento indispensável para o controle do estresse da vivência da dor e facilita o humor inerente ao reequilíbrio emocional; dez minutos de riso proporcionam emoções positivas que podem reduzir a intensidade da dor por horas, facilitar o sono reparador e a alta hospitalar.

Quando me mudei para Caxias do Sul, decidindo encarar o maior desafio da minha vida, que era largar um emprego estável para seguir o caminho do teatro, um dos trabalhos que eu realizaria, seria exatamente o de palhaça de hospital. Trabalhei com imensa alegria por sete anos em um projeto que me serviria não apenas como uma grande escola de palhaçaria, improvisação e jogo, mas também de sensibilidade, gratidão e alegria de viver. Naqueles anos estávamos gravando um documentário, que comemorava os primeiros cinco anos do projeto e o início das nossas atividades no SUS. A equipe de filmagem passou na minha casa para irmos juntos ao hospital, quando recebo uma ligação dizendo que a presença dos palhaços era solicitada naquele momento no hospital. Infelizmente não seria uma boa notícia. Sheila, nossa paciente de 13 anos que acompanhávamos há vários meses em um tratamento contra uma agressiva leucemia estava “fazendo a passagem” e a família queria a presença dos médicos-palhaços que tantos momentos de alegria, angústia, diversão e apreensão haviam dividido naquele último ano. A presença destas figuras, que representavam a alegria e a vida era essencial para os familiares, servindo como uma luz, um lembrete de que a morte é parte da vida e que a alegria de viver é o que nos mantém fortes em momentos de dor e sofrimento.

Em nossas abordagens, que incluíam todas as alas de internação do hospital, UTI, centro cirúrgico e não apenas pacientes e familiares, mas todo o “*staff*” do

⁸ Disponível em <https://www.scielo.br/j/rba/a/HghSNkSCBm7vcJvCT8NMB5p/#ModalHowcite>)

hospital, do cirurgião ao administrativo. Talvez tenha sido nesses anos que eu pude comprovar com precisão o impacto da arte e do riso na vida das pessoas e seu poder transformador. Em seu livro *Soluções de Palhaços*, Masetti (1998, p.18) nos fala:

A surpresa da presença de um palhaço como conceito aparentemente tão oposto a realidade hospitalar, tem a capacidade de breçar, ou suspender momentaneamente a lógica dos pensamentos e a dinâmica dos sentimentos vividos por pacientes, familiares e profissionais. Isso abre espaço para que essas pessoas percebam novos processos que acontecerão a partir da visão de mundo do palhaço.

Lembro-me que nos primeiros anos de trabalho, atendíamos apenas adultos, pois o hospital não possuía ala pediátrica. Era dia de labuta, então Dra. Rói Rói (eu) e Dr. Chico Le Bocó (Davi de Souza) pedíamos permissão para adentrar em mais um quarto e realizar exames periódicos de “bestereologia” nos pacientes ali internados.

Com seus apetrechos nada tradicionais e suas roupas um tanto extravagantes, acondicionadas por um jaleco branco que quase chegava a dar um ar de importância, a dupla recebe um não e um sim. Acontece que os quartos eram semi-privativos, quer dizer, havia dois pacientes compartilhando as mesmas instalações. Ainda no corredor, a dupla foi abordada pela esposa de um dos pacientes. Com um semblante aflito e desconfiado ela repetia que o marido não iria querer a visita dos palhaços. Porém, o outro paciente logo nos ouviu e lá de dentro do quarto nos chamou. Estava com os olhos brilhando e com muita vontade de se divertir com a dupla. Na cama ao seu lado o outro, com a expressão fechada, concentrava-se em seu *notebook*. Os palhaços então, tendo que demonstrar um jogo de cintura memorável, decidiram que só iriam fazer o “atendimento” para o paciente que queria, enquanto o outro não poderia se envolver de maneira alguma, nem sequer ouvir, rir ou interagir com os acontecimentos, já que não queria a visita dos especialistas. Acontece que ninguém permanece imune às estripulias de uma dupla de palhaços disposta a mexer com aquele ambiente. Aos poucos, conforme o jogo entre a dupla e o primeiro paciente ia se estruturando, o riso começava a acontecer. O segundo paciente até tentou, mas não conseguiu deixar de entrar no jogo. A artimanha era utilizar a sua recusa em participar do jogo como jogo. Quer dizer, cada vez que ele desviava o olhar da tela para olhar para o que estava acontecendo e mesmo rir, era severamente alertado que não poderia se divertir, pois o combinado era que somente o outro paciente receberia nosso atendimento. Ele

então, com uma expressão de confusão, nos perguntou o porquê não queria atendimento, ele não tinha falado aquilo. Nesse momento sua esposa interrompe, falado: *Ah, mas é que eu achei que você não fosse querer*. Ao final da visita, tínhamos o notebook esquecido na mesinha de apoio e dois adultos rindo e cantando uma música em coro com dois palhaços.

O ambiente havia se transformado. Não quer dizer que não recebíamos a recusa de alguns pacientes. Receber os palhaços era uma escolha, uma das poucas que se pode ter quando se está internado em um hospital, tratando uma enfermidade. Nestes casos, simplesmente seguíamos o nosso caminho. Quem sabe amanhã...

9



Figura 4 – Fonte: Cláudio Assis (Acervo da autora/2023)

RINDO E FILOSOFANDO

Em um dos meus primeiros registros sobre o tema riso, provavelmente veio em uma sessão de cinema durante a aula de história no Ensino Médio (na época Segundo Grau). Lembro muito bem da professora, que era muito admirada entre seus alunos por ser “fora da caixa”, divertida e inovadora. Naquele dia fomos para a sala de cinema e tivemos o privilégio (meu ainda mais, pois durante minha infância e adolescência não tínhamos videocassete em casa, o que me dificultava bastante o acesso à sétima arte) de assistir *O Nome da Rosa* (1986), filme de Jean-Jacques Annaud, baseado na obra homônima de Umberto Eco. O filme acompanhava o frei William de Baskerville (Sean Connery), e seu pupilo Adso (Christian Slater), que, em

⁹ Dra. Roi Roi em “atendimento bestereológico” na Santa Casa de Porto Alegre (2011)

nome da igreja católica, investigavam mortes suspeitas em um remoto mosteiro no interior da Itália. Lembro do fascínio que esta obra provocou em mim, a despeito do constrangimento pelo qual passamos, como um grupo de adolescentes dos anos 90 ao ver no filme uma cena de sexo com nudez (coisa muito transgressora em uma escola secundária católica) a obra acompanhou meu imaginário por muitos anos e se intensificou quando li o livro.

Em uma determinada cena, os monges estão na majestosa biblioteca labiríntica do mosteiro, quando são surpreendidos por um pequeno rato correndo a seus pés, assustando alguns abades e provocando o riso entre eles. Jorge de Burgos, que era o monge cego guardião da biblioteca, irrompe em ira:

Jorge de Burgos – “Um monge não deve rir, apenas os tolos riem a toa...o riso é um evento demoníaco que deforma as linhas do rosto e faz os homens parecerem macacos”.

Baskerville – “Os macacos não riem, o riso é próprio do homem...”

Jorge de Burgos – “Assim como o pecado. Cristo nunca ria”

Baskerville – “Podemos mesmo ter certeza?”

Jorge de Burgos – “Nada nas escrituras prova que ele ria”

Baskerville – “E nada prova que ele não ria. Os santos também usam a comédia para ridicularizar os inimigos da fé. Por exemplo quando os pagãos mergulharam São Mauro em água fervente, ele se queixou que o banho estava frio, o sultão pôs a mão e se queimou.”

Jorge de Burgos – “Um santo imerso em água fervente não faz brincadeiras infantis, ele reprime seus gritos e sofre pela verdade”

Baskerville – “E Aristóteles dedicou o segundo livro da Poesia à comédia como instrumento da verdade.”

Jorge de Burgos - “Você leu essa obra?”

Baskerville – “Claro que não, está desaparecida há séculos”.

Jorge de Burgos – “Não está não, ela nunca foi escrita, porque a providência não quer coisas fúteis glorificadas.”

A referência ao livro nunca escrito de Aristóteles aparece novamente na sequência do filme onde Frei Baskerville é questionado pelo abade cego sobre suas verdadeiras intenções naquele mosteiro, ao que ele responde:

Baskerville - “ Eu quero o livro grego, aquele que, segundo vocês, nunca foi escrito. Um livro que só trata de comédia, que odeiam tanto quanto risos. Provavelmente é

o único exemplar conservado de um livro de poesia de Aristóteles. Existem muitos livros que tratam de comédia. Por que esse livro é precisamente tão perigoso?"

Jorge de Burgos - " Porque é de Aristóteles e vai fazer rir. "

Baskerville – “Mas o que há de tão alarmante no riso?”

Jorge de Burgos – “O riso mata o temor e sem temor não pode haver fé. Aquele que não teme o demônio não precisa mais de Deus”.

Ao final, o livro se mostra uma peça central em um intrincado jogo, cujo principal objetivo era a repressão ao riso, por medo de seu poder libertador.

Para além da ficção, que bem retrata a vida real, a relação do riso com a filosofia é recorrente. Aristóteles realmente escreveu e afirmou que o livro II da *Poética* tratava sobre a comédia e de fato, este livro foi perdido, formando uma lacuna onde não temos acesso ao pensamento de Aristóteles sobre o riso. Sabe-se que em outro estudo seu, *As partes dos animais*, ele nos traz o conceito de que o homem é o único animal que ri. O riso é próprio do ser humano.

Conceituar o riso do ponto de vista filosófico pode ser um tanto complexo. Diversas correntes tentam situá-lo, defini-lo ou apreendê-lo. Georges Bataille (1970), diz que o riso se situa em um lugar do não-saber, então quando tentamos enquadrá-lo ele deixa de pertencer a este lugar. Para ele existe a impossibilidade do riso ser pensado de um ponto de vista filosófico, pois sendo ele pensado, adquire significado, deixando de pertencer ao lugar do não-saber.

Verena Alberti em seu livro *O Riso e o Risível na História do Pensamento* (1999) nos traz importantes reflexões sobre o papel do riso através dos tempos. Entre outras passagens importantes, destaco a seguinte fala:

Esse não-sério é fundamental para que continuemos a pensar o mundo, e por isso a questão do riso também se torna fundamental, pois permite atingir aquilo que o sério não permite, sendo regeneradora, produtora, indispensável. (Alberti, 1999, p.200)

LIMITES ÉTICOS E DO QUE RIMOS HOJE

Em meados de 2004 estreávamos nossa primeira peça com um diretor da capital, uma farsa montada para a rua, com texto de Miguel de Cervantes, que escrevera aquele “entremesso” inspirado na fábula do rei nu de Hans Cristian Andersen. O Teatro das Maravilhas contava a história de três artistas mambembes, que, com o intuito de conseguir privilégios com o alcaide e outras figuras poderosas

da cidade, diziam apresentar um incrível teatro, que mostraria maravilhas nunca antes vistas. Mas atenção, só poderiam ver as incríveis aparições quem fosse “cristão velho e filho de matrimônio legítimo”. O trio começa a apresentar suas assombrosas visões e mesmo que ninguém visse coisa alguma, todos e principalmente os poderosos (na encenação representados em pernas-de pau) assumiam ver as incríveis maravilhas do teatro. Na sequência, os hipócritas no poder sucumbem a esperteza do trio de artistas espertalhões. Em nossas apresentações em praças, ruas e parques, o público era formado pela mais variada gama de pessoas, desde estudantes de teatro e artistas, até transeuntes costumeiros que eram surpreendidos por uma encenação teatral no meio do dia. Os momentos que mais provocavam o riso geral era quando as figuras de poder eram manipulados e sua hipocrisia e falsidade tornavam-se evidentes. Era como se o público sentisse prazer em ver o opressor no lugar do humilhado, do enganado e do ridicularizado.

Em meus trabalhos com comédia, sempre procurei estudar e refletir muito sobre o meu fazer, pois provocar o riso, ao contrário do que muitos possam pensar, não é tarefa tão simples. Não é apenas a forma como você vai querer fazer, mas também o conteúdo. O que você quer falar? O que você pretende com o riso? De quem se ri? Do que se ri?

Na palhaçaria feminina, o riso é sempre algo compartilhado. Algo que parte de mim. Rimos do que é inadequado, do que está fora do conforme e da regra. Mas que parta de mim. Para ser uma palhaça, precisei encarar de frente as minhas sombras mais escuras, me conhecer o melhor possível e acima de tudo, aprender a rir de toda inadequação, ridículo e desajuste que formavam o meu ser. Para mim, o bom comediante, humorista, palhaço, é aquele se coloca como alvo. É o que ri da sua própria desgraça, é o que expõe o seu ridículo, celebrando o erro, a falha, o tropeço. No final das contas, o que é humano. E se ser humano é ser imperfeito, quais são os limites do que nos faz rir?

Este é um terreno um tanto sinuoso, pois o riso se situa justamente na ruptura entre o que é aceito socialmente, possibilitando uma visão diversa, ocupando-se em despertar a dúvida sobre o que é real e aceito. Verena Alberti (1999, p.202) nos diz [...] *rir dos defeitos e das fraquezas alheias é antes reafirmar a ordem do que sublinhar o potencial regenerador e criador da desordem.* [...]



Figuras 4 e 5 – Fonte: Vicente Silveira (Acervo da autora/2023)

10

Os avanços da sociedade têm nos mostrado que determinados comportamentos, outrora tolerados, hoje não são mais admitidos. Pautas importantes como racismo, misoginia e homofobia são amplamente discutidas e colocadas como essenciais para que se cresça e se evolua enquanto raça. Artifícios que promovam o ódio e o desrespeito à diversidade têm sido denunciados e combatidos em várias esferas sociais, a exemplo do movimento “metoo”, e do “blacklivesmatter”, o primeiro denunciando abusos sexuais enfrentados pelas mulheres na indústria de Hollywood e o segundo, outro lamentável episódio de violência racial nos EUA. Portanto, é de se pensar que não se pode tudo, de que o humor também tem seus limites. Ou não? Se o riso é provocado pela inadequação e pelo erro, os filtros que isso envolve também mudam com a sociedade? Se forem colocadas muitos limites éticos para o riso ele se engessar e perderá sentido? Na Grécia antiga, o riso era dividido em dois tipos: o “gelân”, o riso corriqueiro e o katagelân, que era o riso que agredia e zombava. (MINOIS, 2003.)

O riso pode transgredir ou oprimir. A grande diferença é como isto é feito. Se ri com alguém ou de alguém? O riso é compartilhado ou é um solo exercício egóico? Ele pode ser ferramenta para a contestação ou fortalecimento da norma vigente enrijecida e ultrapassada.

No início de 2015, um ataque terrorista ao Jornal Charlie Hebdo em Paris deixou 12 mortos e onze feridos. O atentado foi assumido por muçulmanos que diziam estar vingando o profeta. O jornal era famoso por trabalhar com charges humorísticas e em 2006 publicou uma charge em especial satirizando o profeta

¹⁰ O Teatro das Maravilhas (2004, direção Jessé Oliveira)

Maomé, o que atçou o ódio nos radicais muçulmanos. Desde então, o jornal vinha sofrendo ameaças e em 2011 foi alvo de um ataque a bombas, porém sem feridos. Podemos ver que o riso pode exaltar os ânimos e ter resultados trágicos quando comandado pelo extremismo.

Talvez o limite (se é que ele existe) esteja no sujeito alvo, quer dizer, *de quem se ri*. Sendo que os avanços no pensamento humano, a reflexão crítica sobre nossas condutas e costumes seja imprescindível, vamos considerar o espaço de ruptura no qual o riso se manifesta. Voltando ao meu “muso inspirador” Charles Chaplin, a quem já me referi anteriormente neste, recordo de uma cena do filme “O Grande Ditador” (1940) onde ele, representava uma sátira explícita de Adolf Hitler em uma perigosa época pré-nazismo. Nesta cena que me refiro, ele fala furiosamente, em uma língua inventada que lembra o alemão, para uma plateia gigantesca. Sua cólera era tamanha e tão desmedida que pendia pesadamente para o ridículo absoluto. Em um determinado momento, os vários microfones que permaneciam a frente do ditador, amedrontados, se curvam para trás, tentando se livrar da fúria extrema, uma cena genial que sempre me provocou risos, mas também a reflexão de que o excesso de maldade, ou absolutismo é verdadeiramente ridículo. E provoca o riso.

De tempos em tempos nos vemos em meio a polêmicas sobre o que é objeto do nosso riso. O riso que zomba, que deturpa, que oprime o outro, acaba por vezes, suscitando discussões que ajudam a repensar o que é politicamente correto e se isso se aplica a ele. Uma das minhas primeiras referências teóricas sobre riso e palhaçaria foi “O Elogio da Bobagem” de Alice Viveiro de Castro. Esta obra reúne um lindo acervo de palhaços e palhaças do mundo e do Brasil, além de traçar uma linha do tempo na história do surgimento e desenvolvimento desta arte. Quase ao final do livro ela tece uma importante reflexão sobre os limites éticos do riso. Por impossibilidade de eleger apenas um trecho, dada a importância do que é exposto, reproduzo ele em sua integralidade:

A ÉTICA DO RISO

“Meu pai, que era um sábio, gostava de dizer e dizia em espanhol porque fica mais bonito: - “Hay límites. Yo no los conosco, pero que los hay, los hay”. O palhaço é um transgressor, um excêntrico; está fora dos eixos, das regras, da lógica, do bom senso, do bom gosto e das boas maneiras. Ao palhaço tudo seria permitido? Quem

sou eu para ditar regras? Ainda mais a quem está ao largo delas? Quero apenas lembrar que o riso pode ser transgressor ou opressor. O riso liberta e reprime. Tudo depende do momento e de como e quem o provoca e para quem, com quem e de quem se ri. Riso ou escárnio? Piadas racistas, sexistas, fascistas... existem aos montes e o contraponto para elas não é a elaboração de um manual de boas maneiras ou um livreto sobre o que é e o que não é politicamente correto. O contraponto para o deboche repressor e constrangedor é a sensibilidade e a consciência do cômico, daquele que pretende provocar o riso alheio. Judeus são os melhores contadores de piadas de judeus, assim como as melhores farpas e ironias sobre bichinhas foram as que ouvi contadas por homossexuais. Pode piada de loura burra; podemos rir de gordos, magros, cegos, advogados, jornalistas, sapatões, machões e o que mais nosso humor inventar. A grande diferença entre humilhar e brincar é a que existe entre rir de e rir com. Num grupo de amigos exercitamos constantemente o humor que inclui, que transborda de afeto. Mas o mesmo comentário pode resultar numa ofensa que magoa e exclui. Tudo depende dos nossos verdadeiros sentimentos. Um palhaço é um ser estranho que bota a mão no fogo, que põe a cabeça na guilhotina e que se expõe nu em sua tolice e estupidez. O palhaço é diferente do comediante. Ele não conta uma história engraçada. Ele é a graça, ele é o risível. A torta bate primeiro no seu rosto, o pé encontra a sua bunda e o tapa, a sua cara. Literalmente o palhaço dá a cara à tapa! Por isso não acho graça em palhaços cheios de discursos moralizantes ou politicamente corretos. Palhaço quando faz discurso fala besteira. Palhaço erra. Palhaço não fala sério. Quando o palhaço é bom, nós, o público, é que escutamos e percebemos o quanto de sério e verdadeiro pode estar entranhado nas tolices e patéticas daquele ser tão atrapalhado e estúpido. Palhaço não pode vir com legendas explicativas, senão acaba a graça, acaba a palhaçada. Palhaço não dá lição de moral, mas também não é amoral. Mas quem sabe a diferença? Quem conhece o limite? Acho que tudo depende do lado que escolhemos na vida e de compreender que, a todo instante, é como se um espelho aparecesse, o muro andasse trocando os lados de lado. O que é justo num determinado momento ou situação pode ser muito injusto no momento seguinte. A Verdade nunca é absoluta, a bondade nem sempre é o melhor caminho,



e por aí vão as coisas, exigindo atenção, sabedoria e um firme exercício de fidelidade aos princípios que norteiam a vida dos que escolhem ter princípios na vida.”

O riso pode ser contestação, deboche, escape, relaxamento, crítica, opressão, poder, derrota, enfim, tentar defini-lo é inevitavelmente reduzi-lo. Num ambiente rodeado por incertezas e perguntas que urgem por respostas, uma das poucas coisas que posso garantir, é que vi, em muitas oportunidades, o riso modificando ambientes e sendo agente transformador de realidades duras. Nietzsche diz que:

(...) precisamos nos alegrar com a nossa estupidez de vez em quando, para poder continuar nos alegrando com a nossa sabedoria! E justamente por sermos, no fundo, homens pesados e sérios, e antes pesos do que homens, nada nos faz tanto bem como o chapéu do bobo: necessitamos dele diante de nós mesmos – necessitamos de toda arte exuberante, flutuante, dançante, zombeteira, infantil e venturosa, para não perdermos a liberdade de pairar acima das coisas, que o nosso ideal exige de nós. Seria para nós um retrocesso cair totalmente na moral, justamente com a nossa suscetível retidão, e, por causa das severas exigências que aí fazemos a nós mesmos, tornarmo-nos virtuosos monstros e espantalhos. (...) não só ficar de pé, com a angustiada rigidez de quem receia escorregar e cair a todo instante, mas também flutuar e brincar acima dela! (NIETZSCHE, 2012, p. 124.)

Ter a oportunidade de olhar mais atentamente para o riso, que sempre esteve presente no meu fazer artístico, é, sem dúvida, um privilégio. Este olhar desprezioso, porém, muito afetuoso sobre minha trajetória a partir do riso, tencionou minhas fronteiras e tornou meu fazer ainda mais instigante e pessoal. Em um mundo em constante mudança, o riso acompanhará esta senda, servindo como elemento que nos revela quem somos e como vivemos, ajudando a contar nossas histórias, oxalá de pontos de vista mais igualitários, atentos e amorosos.

Nietzsche (Ibidem) fala em colocarmos o chapéu do bufão e assumirmos nosso lado exuberante, infantil, dançante, flutuante. Talvez esteja na construção de um riso de reconhecimento e aceitação, de autenticidade e alteridade que esteja este estado de fascínio e leveza do qual o autor nos fala.

Por fim, a partir das reflexões sobre aquilo que me tocou e me atravessou, enquanto experiência, o que posso destacar é que este foi um precioso exercício de reflexão, tentativa de entendimento e abertura para novas questões que se renovam a cada dia em meu ofício árduo e arrebatador, que é provocar o riso e a reflexão. E quiçá, um dia, enquanto humanidade consigamos adentrar frequentemente nesse estado de leveza, de flutuação, de paz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio Janeiro: Zahar, FGV, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 2010.
- BATAILLE, Georges. Oeuvres complètes. Paris, Gallimard, 1970-76. V. 2, 5, 6, 7, 8.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 2. ed. Rio de Janeiro:Zahar, 1983.
- CASTRO, Alice Viveiros de. **O Elogio da Bobagem** – palhaços no Brasil e no mundo – Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.
- DUPRÉEL, Eugene. Problème sociologique du rire. In: **Essais Pluralistes**. Paris, PUF, 1949.
- FERREIRA, Andre Luiz Rodrigues.O **riso na luta: comicidade, política e transgressão** [recurso eletrônico] Andre Luiz Rodrigues Ferreira. — Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2021.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.
- LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar de 2002, nº 19. Disponível em: scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf
- MATRACA, M. V. C., Wimmer, G., & Araújo-Jorge, T. C. de. (2011). Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16(10), 4127–4138. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011001100018>. Acesso em 05 Mai. 2023.
- MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- MORENO DA SILVA, F. AS VÁRIAS FACES DO RISO. Travessias, Cascavel, v. 4, n.1, p. e3594, 2010. Disponível em: <http://revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3594>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- NIETZSCHE, Friedrich. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras,2012.

O NOME DA ROSA, direção: Jean-Jacques Annaud, produção: RAI, Zweites Deutsches Fernsehen, Constantin Film, Youtube, 23 de abr. de 2012, duração: 2:06:26, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uqL7gn13JoQ>, acesso em 22 set 2023.

VALE, Nilton Bezerra. Analgesia Adjuvante e Alternativa. **Revista Brasileira de Anestesiologia** 551 Vol. 56, No 5, Setembro-Outubro, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rba/a/HghSNkSCBm7vcJvCT8NMB5p/?format=pdf&lang=pt>, acesso em 29 set 2023